

## Editorial

### Parte Especial - *Técnicas de si e História da Psicologia*

Arthur Arruda Leal Ferreira (editor-convidado)

O conceito de *técnicas de si* proposto por Michel Foucault surgiu como um dos termos centrais da Genealogia da Ética na virada para os anos 1980. Dentro desta nova guinada do pensamento foucaultiano, após os trabalhos sobre governamentalidade e sexualidade, colocava-se como tarefa entender os modos ativos com que pessoas em contextos diversos se constituem como sujeitos éticos.

O foco dos trabalhos de Foucault eram as formas como tais técnicas eram geradas em práticas detalhadamente descritas na antiguidade clássica e tardia, incluindo as experiências pagãs e as do cristianismo monástico dos primeiros séculos. Aqui podemos ver a rara produção de um novo objeto histórico, capaz de promover uma série de estranhamentos quanto aos modos de vida e às verdades atuais em que os modos éticos geralmente se dobram ao deciframento de si e à busca de uma verdade interior (no *self*, na carne, no genoma, nas conexões neurais).

A prematura morte de Foucault pôde impedir parte da sistematização de seus trabalhos, mas não impediu o contágio viral de suas questões. A herança deste tema e dos modos de problematização de nossos modos existenciais presentes têm promovido muito mais trabalhos de releitura de Foucault do que análises empíricas de modos outros de cuidado de si. Trabalhos como os de Pierre Hadot e Michel Sennalart talvez sejam, porém, interessantes desdobramentos históricos do tema. No campo da história da psicologia a herança é mais tímida, apesar da presença de trabalhos como os de Nikolas Rose. Uma iniciativa importante neste campo foi a do historiador da psicologia José Carlos Loredo Narciandi (presente neste volume), que organizou, em 2014, um número especial sobre o tema. Nossa ideia é a de dar sequência a esta iniciativa, em território nacional, incluindo convidados ibéricos. E buscando, sobretudo, atravessar as fronteiras da história e as próprias fronteiras disciplinares da psicologia, incluindo, por exemplo, etnografias de práticas espiritualistas.

Esta quebra de fronteiras, além do uso do conceito de *técnicas de si* no campo da história e etnografia das práticas psi, só poderia ter acolhida em poucas revistas, como *Mnemosine*. Pelo acolhimento a esta pequena ousadia, agradecemos a hospitalidade. Hospitalidade às diferenças que pedem passagem, ao pensamento fora da curva, às

heterotopias. Neste campo das diferenças em ação, não vou fechar com o óbvio “Fora Temer” e todas as formas de Temor. Mas com Arnaldo Antunes:

*Aqui nesse barco  
Ninguém quer a sua orientação  
Não temos perspectivas  
Mas o vento nos dá a direção  
A vida é que vai à deriva  
É a nossa condução  
Mas não seguimos à toa  
Não seguimos à toa  
Volte para o seu lar  
Volte para lá*

### Parte geral:

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Talvez por uma desejável contaminação viral, o tema da parte especial deste número – dossiê composto, em princípio, pelos seis primeiros textos, dentre os quais se inclui uma resenha – espraia-se pelos demais artigos de *Mnemosine*: o pensamento “fora da curva”, como propõe Arthur Arruda Leal Ferreira, nosso editor-convidado, também permeia os escritos voltados para a formação psi, os direitos humanos, a desinstitucionalização da loucura, as práticas de resistência, a música como paradigma de ação, as formas contemporâneas de pesquisa- intervenção.

Esses novos *modos de vida psi* ganham, com o texto-homenagem a Sylvia Leser de Mello, presente na seção **Biografia** e oriundo do momento em que ela recebe o título de professora-emérita da USP, uma culminação: associar Sylvia à expressão “o trabalho da vida” faz com que uma homenagem acadêmica, eventualmente voltada a pedestais e honrarias, a traga, ao contrário, e como queremos, para bem pertinho de nós.

Nós, que não temos perspectivas, mas a quem o vento dá a direção – direção conduzida, se assim pode ser, pela *vida à deriva*, mas não, e nunca, vida à toa!

Nós, editores, a(u)tores, secretária, pareceristas e leitores desta hospitaleira – que sabe, no entanto, a quem recebe – “nanica”.

Boa leitura, até breve.